

PARA- ALÉM DA FALA: DESEJO E LETRA

Maria Carolina de Araújo Marques¹

No texto “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1955), Lacan distingue o escrito da fala: no escrito há a prevalência do texto, no sentido que ele propõe a ser assumido pelo analista. Embora todo o material que o analista dispõe para trabalhar seja proveniente da fala, é ao texto que ele deve dirigir sua atenção, pois o que a experiência analítica descobre para-além dessa fala é uma estrutura de linguagem no inconsciente. Busco nesse trabalho discutir alguns pontos fundamentais desse tempo da obra de Lacan, em que ele se aproxima da lingüística para trazer de volta a psicanálise para o campo da linguagem, denunciando os equívocos da psicologia do ego pós-freudiana e seus riscos na direção do tratamento. Utilizarei como referências principalmente os seguintes escritos de Lacan: “Função e campo da fala e da linguagem” (1953), “A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud” (1955), “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”

¹ Psicanalista e Médica Psiquiatra, AME do Toro – Escola de Psicanálise:
marquesmariacarolina@hotmail.com

(1955), “A direção do tratamento e os princípios de seu poder” (1958), e “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960).

Lacan situa a Linguística em uma posição piloto na reclassificação das ciências, promovendo um importante debate epistemológico que reconduz à psicanálise ao campo científico. No seu retorno a Freud, desenvolverá o aforisma: “O inconsciente é estruturado como uma linguagem” e estabelecerá o significante como o elemento crucial no inconsciente freudiano.

“O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (numa outra cena, escreve ele) se repete e insiste, para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e na cogitação a que ele dá forma.” (pág. 813)

Em “Função e campo da fala e da linguagem” (1953), Lacan pontua que para resgatar o sentido da experiência da psicanálise, nada melhor do que voltar à obra de Freud: “Então, que a retomemos ali na *Traumdeutung* para nos lembrarmos que o sonho tem a estrutura de uma frase” (pág. 268). Essa frase do sonho é estruturada por elementos significantes que se articulam a partir de leis que Freud identifica e nos ensina a ler. Mas isso não é suficiente, Lacan salienta que Freud nos lembra

o tempo todo que é sempre preciso buscar nele a expressão de um desejo. Mas qual a relação do desejo com a estrutura de linguagem? Essa é a questão que Lacan incansavelmente tentará demonstrar por anos a fio e com ela escreverá as letras fundamentais da sua álgebra, o lacanês tão antipatizado. E se assim ele o fez, foi para privilegiar a estrutura em detrimento da significação, e não cair nos engodos da compreensão. Felizmente, se Freud nos ensina a ler o sonho, Lacan nos ensina a ler Lacan, e nos convoca a articular cada conceito da única maneira possível para essa doutrina: singularmente. Tentarei trazer aqui alguns de seus apontamentos fundamentais.

A psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente. Lacan (1953) diz que apesar disso ser evidente, não pode ser negligenciado. É da fala que o analista recebe seu instrumento, seu enquadre e seu material. Mas não se deve ignorar o cerne da função da fala: sua função de evocar, não informar. Ou seja: toda fala pede, demanda uma resposta. E desde que se tenha um ouvinte, não há fala sem resposta, mesmo que se depare com o silêncio. Se o analista ignora esse fato, ele só sentirá mais fortemente seu apelo (LACAN, 1953). Mas para que o paciente fale, é preciso que o analista se cale e escute, e seja ele o verdadeiro paciente. E seu silêncio frustra o falante. Se o frustra é porque ele lhe demanda algo. Que lhe responda. Mas

essa resposta seria apenas outra fala, apenas palavras, não é o que o ele pede (LACAN, 1958).

Que apelo é esse, então? Apelo à verdade em seu princípio, mas mais imediatamente, apelo próprio do vazio. Ou seja, do vazio do ser falante, que é tamponado por seu ego. É nesse vazio, nessa hiância, que Lacan vai localizar o sujeito da psicanálise, advertindo que a resposta do analista ao apelo tem, portanto, a função decisiva de reconhecer ou abolir o sujeito (LACAN, 1953). Lacan diz que é isso que o analista deve considerar em primeiro lugar ao responder à fala do analisante. Levar em consideração onde está o ego do falante, para reconhecer através de quem e a quem o sujeito formula sua pergunta, dando sua pontuação dialética (LACAN, 1953).

Em “A coisa freudiana” (1955), Lacan sugere que devemos antes nos deter não no eu que supostamente fala, mas nas arestas do falar, pois não há fala senão de linguagem e a linguagem é uma ordem constituída por leis. Estabelecendo o significante como termo crucial no inconsciente freudiano, Lacan nos ensina que essas leis são as leis de articulação significante. Vejamos o que é o significante.

Lacan considera Ferdinand de Saussure o fundador da Linguística moderna, atribuindo a ele o mérito pela criação do signo lingüístico, algoritmo que a funda: S/s. Lê-se: significante

separado do significado por uma barra resistente à significação. Porém, inverte posição dos termos conferindo primazia ao significante em relação ao significado. Além disso, coloca o S de significante em maiúscula. Com a barra resistente à significação, ele desmonta a unidade indissociável do signo lingüístico, estabelecendo que o significante não tem nenhuma relação direta com o significado (LACAN, 1955).

O significado não está contido no significante, que não tem por função representar o significado, mas sim, precede e determina o significado, através de sua articulação. O significante antecipa o sentido e compõe a significação ao ser articulado a outros significantes (LACAN, 1955). O sentido reside não na concatenação dos signos em frases, mas sim, por algo que escapa à materialidade significante: a pontuação e o efeito de retroação inerente à série significante. Com isso, ele resgata a noção freudiana de só depois ou a posteriori (JORGE, 2005).

No texto “A instância da letra no inconsciente freudiano” (1955), Lacan aponta que cabe entender a palavra *letra* ao pé da letra, uma vez que se trata de uma inscrição. Em sua doutrina, letra é a estrutura essencialmente localizada do significante, e não são apenas palavras, mas também fonemas, e locuções compostas. São elementos diferenciais que se compõem

segundo as leis de ordem fechada, a cadeia significante: anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis. Eles são o substrato topológico do signo lacaniano, ou seja, nenhum significante pode ser pensado fora da relação com os demais. É essa a estrutura do significante: ele é articulado. E ao se articular, ele representa o sujeito. Mas só representa o sujeito a um outro significante, não havendo nunca representação última. Dessa forma, Lacan define significante como o que representa um sujeito para outro significante, incluindo nessa definição o sujeito anteriormente elidido pela Linguística.

Vimos que o significante é articulado. Agora, veremos os princípios pelos quais o significante se articula no advento da significação. Lacan atribui a homenagem a outro lingüista por esses conceitos: Roman Jakobson. Há dois princípios, a metonímia e a metáfora. A metonímia é a combinação de um termo com o outro. “É de palavra em palavra, eis a fórmula”. E a metáfora é a substituição de um termo pelo outro. “Uma palavra por outra, eis a fórmula” (LACAN, 1955).

Significado e significante são, portanto, duas redes distintas: a rede do significante é a estrutura sincrônica do material da linguagem que adquire seu emprego exato por sua oposição em relação aos outros. Relaciona-se diretamente com o princípio da metáfora. A rede do significado é a estrutura

diacrônica do discurso concretamente proferido, determinado pelo material da primeira rede, jamais resume-se a uma indicação pura do real, e sempre remete a uma outra significação. O significado desliza incessantemente sobre o significante, que vai se combinando através do princípio da metonímia. Desliza até o que Lacan chama de *ponto de basta*: pelo qual o significante detém o deslizamento da significação, de outro modo indefinido. (LACAN, 1960)

Agora que já nos detemos às arestas do falar, às leis do funcionamento significante, podemos retomar a questão de quem fala. Trago agora uma citação de “Subversão do sujeito”:

“Qual seja, a maneira certa de responder à pergunta “Quem está falando?”, quando se trata do sujeito do inconsciente. Pois a resposta não poderia provir dele, se ele não sabe o que diz e nem sequer que está falando, como nos ensina a experiência inteira da análise. (...) (LACAN. 1960, pág. 815)

Se um sujeito não sabe o que diz, nem que está falando, a partir de que um falante toma a palavra? Em “O aturdido” (1973) Lacan afirma que não há dito sem dizer. Ou melhor, para que haja um enunciado concretamente proferido, é preciso uma enunciação. Entendemos com Lacan que essa enunciação vem de um lugar Outro, a outra cena de Freud, o inconsciente. O

Outro é o lugar do tesouro dos significantes, “uma reunião sincrônica e enumerável em que um termo só se sustenta por oposição aos demais” (LACAN, 1960, pág. 820). O Outro é o lugar da fala, e é dele que o sujeito recebe a própria mensagem que emite (LACAN, 1960).

Que tipo de sujeito a psicanálise concebe, portanto? Um sujeito de linguagem. Não existe sujeito fora da linguagem, e nem anterior ao significante. E Lacan demonstra que sujeito é um corte, uma descontinuidade no discurso. Diz Lacan:

“Para que não seja vã nossa caçada, a nós, analistas, convém reduzir tudo à função de corte no discurso, sendo o mais forte aquele que serve de barra entre o significante e o significado. Ali está o sujeito que nos interessa (...).”(LACAN, 1960, Pág 815).

É o que ele vai chamar de sujeito barrado ou dividido. Ele é dividido pela própria linguagem, uma vez que para se representar necessita de ao menos dois significantes. Mas essa divisão não é exata. Surge um resto em toda tentativa de representar o sujeito. É o que Lacan irá chamar de objeto a, causa de desejo.

“O desejo é aquilo que se manifesta no intervalo cavado pela demanda aquém dela mesma, na medida em que o sujeito, articulando a cadeia

significante, traz a luz a falta-a-ser com o apelo de receber seu complemento do Outro, se o Outro, lugar da fala, é também o lugar dessa falta.” (Pág. 633)

Lacan situa o desejo com o que há por significar, inconsciente por excelência, uma vez que é do inconsciente (essa Outra cena) que recrutamos os significantes para haver uma enunciação, e a fala efetivamente proferida compõe o enunciado. A cada significante articulado nessa cadeia, que são as demandas ao Outro, surge um resto a ser representado, pois nenhum significante é capaz de atender completamente a demanda. Um sujeito é representado apenas parcialmente, ou seja, é dividido, e só é representado para o próximo significante articulado nessa cadeia. Isso é o que Lacan articula como desejo, sendo o que há por significar, só remete sempre a outra significação. Não havendo representação última, o desejo é a metonímia da falta-a-ser. Assim, Lacan relaciona a sustentação da cadeia significante com a indestrutibilidade do desejo.

Há, então, uma incompatibilidade do desejo com a fala, que é sempre uma demanda. O analista é, deste modo, aquele que não busca satisfazer a demanda. Em vez disso, sustenta a demanda, ou seja, a fala, não para frustrar o sujeito, mas para que “reapareçam o significantes em que sua frustração está retida”, as coordenadas significantes do seu desejo. A fala então,

se escuta, e o desejo, portanto, deve ser lido. Nesse sentido, Lacan afirma que o desejo deve ser lido ao pé da letra, sendo a única direção do tratamento possível, pois, como ele diz, apagar o desejo do mapa quando ele está posto no texto do analisante não é o melhor uso do dispositivo de Freud.

REFERÊNCIAS

LACAN, J. A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud (1955). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1955). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem (1953). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. O aturdido (1973). In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Laca, vol. 1: as bases conceituais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.